

A DIALOGICIDADE FREIREANA À LUZ DA INTERNACIONALIZAÇÃO EDUCATIVA E LIBERTADORA

Submetido em: 10/4/2024

Aceito em: 29/6/2024

Publicado em: 29/10/2024

Oberdan da Silva de Andrade¹

Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento²

PRE-PROOF

(as accepted)

Esta é uma versão preliminar e não editada de um manuscrito que foi aceito para publicação na Revista Contexto & Educação. Como um serviço aos nossos leitores, estamos disponibilizando esta versão inicial do manuscrito, conforme aceita. O manuscrito ainda passará por revisão, formatação e aprovação pelos autores antes de ser publicado em sua forma final.

<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2024.121.15898>

RESUMO

Este estudo tem o objetivo de analisar através dos postulados da pedagogia freireana os princípios da ação dialógica como fator de resistência libertadora à luz da internacionalização com foco na (trans)formação da consciência humana nos espaços de ensino e aprendizagem contemporâneos. A pesquisa foi embasada nos pressupostos da abordagem qualitativa via pesquisa bibliográfica e revisão da literatura existente, tendo como método de análise o Indiciário de Ginzburg (1989), em que buscou-se conjecturar o invisível a partir do visível, tomando como fontes as publicações pedagógicas de Paulo Freire. O referencial teórico-metodológico foi ancorado em Ana Freire (2021); Moacir Gadotti (2002) e Ira Shor (2021), estudiosos que conviveram com o sujeito da pesquisa e,

¹ Universidade Tiradentes – UNIT. Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação. Aracaju/SE, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3403-7253>

² Universidade Tiradentes – UNIT. Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação. Aracaju/SE, Brasil. Bolsista de Produtividade em Educação pelo CNPq. <http://orcid.org/0000-0002-4050-767X>

trouxeram à luz a discussão e contextualização da dialogicidade freireana atentando para a formação, transformação e reconhecimento dos cidadãos enquanto seres autônomos, resistentes e libertários. Os resultados apontaram que o diálogo, visto como uma condição intrínseca à espécie humana contribui significativamente para a prática de resistências e conscientização de ações solidárias com vistas à vivência da fraternidade, empatia e respeito ao outro.

Palavras-chave: Educação; Dialogicidade Freireana; Internacionalização.

FREIRE'S DIALOGICITY IN THE LIGHT OF EDUCATIONAL AND LIBERATING INTERNATIONALIZATION

ABSTRACT

The general objective of this study is to analyze, through the postulates of Freire's pedagogy, the principles of dialogic action as a factor of liberating resistance in the light of the internationalization with a focus on (trans)formation of human consciousness in contemporary teaching and learning spaces. The research was based on the assumptions of the qualitative approach via bibliographic research and review of existing literature, using the evidence method of Ginzburg (1989), in which we sought to conjecture the invisible from the visible, taking Paulo Freire's pedagogical publications as sources. The theoretical-methodological framework was anchored in Ana Freire (2021); Moacir Gadotti (2002) e Ira Shor (2021), scholars who lived with this author and brought to light the discussion and contextualization of Freire's dialogicity, paying attention to the formation, transformation and recognition of citizens as autonomous, resistant and libertarian. The results showed that 'dialogue', seen as an intrinsic condition of the human species, significantly contributes to the practice of resistance and awareness of solidarity actions with a view to experiencing fraternity, empathy and respect for others.

Keywords: Education; Freirean dialogue; Internationalization.

INTRODUÇÃO

Os preceitos pedagógicos no âmbito da dialogicidade do célebre educador e Patrono da Educação brasileira³ Paulo Freire cruzaram as fronteiras: seus ensinamentos envoltos para a temática dialógica, evidenciam uma eficaz metodologia de resistência libertadora em todo o mundo com foco na (trans)formação da consciência humana nos espaços de ensino e aprendizagem contemporâneos e, desse modo, tornou-se em uma concepção didática atemporal, uma vez que possui perspectivas atuais e futuras, aplicáveis em quaisquer sistema educacional mundial que possibilitem seus partícipes *serem mais*⁴.

Nesse sentido, o conceito de internacionalização aqui proposto se volta aos ensinamentos do educador da esperança às perspectivas globais com vistas para o alcance da consciência histórica e respeito as diferenças, afinal, “o diálogo para Freire, implica na combinação da reflexão e ação. *Ele é a práxis pronunciante do mundo*, com a qual os homens o transformam, ao mesmo tempo em que se humanizam” (Boufleuer, 1991, p. 115, grifo nosso), tonando-se uma ferramenta de reflexão sobre o mundo mediante a busca incessante por uma Educação emancipatória, libertadora, autônoma, democrática e inclusiva.

Partindo desses pressupostos e, tendo em vista que com o advento de um mundo cada vez mais globalizado, onde os múltiplos meios de comunicação e espaços de aprendizagens estão cada vez mais rápidos e acessíveis aos estudantes, apresentando inúmeras oportunidades de interação, é perceptível o quanto as conexões dialógicas tendenciam a se fragilizarem e tornarem-se dispersas. Nesse ponto, pretendemos buscar na concepção pedagógica do sujeito pesquisado e, mais pontualmente, no diálogo como um dos sustentáculos fundamentais para uma aprendizagem significativa nos espaços de ensino.

Sob esse prisma, compreendemos que a discussão proposta neste estudo, recai sobre dirimir a problematização da realidade educacional em que se pressupõe a utilização de ações dialógicas como matrizes de aprendizagem nos âmbitos da ação e da reflexão,

³ O educador e filósofo brasileiro Paulo Freire foi oficialmente declarado e reconhecido Patrono da Educação Brasileira pelo Congresso Nacional e sancionado pela Presidência do Brasil por meio da Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012.

⁴ De acordo com a professora livre-docente da Faculdade de Educação da Unicamp e presidente do Instituto Paulo Freire - Itália a Dr^a Silvia Maria Manfredi, a expressão '*serem mais*' cunhada por Freire, expressa a vocação de humanização característica dos seres humanos na busca de justiça, liberdade e autonomia e pode ser encontrada em vários de seus livros, a exemplo da Pedagogia da Autonomia; Pedagogia da Esperança, dentre tantas outras.

contribuindo significativamente para a prática de resistências e conscientização de ações solidárias com vistas à vivência da fraternidade, empatia e respeito ao outro.

Conhecedores desta realidade, partimos do pressuposto hipotético de que a efetividade dialógica favorece práticas de resistências libertárias para um eficaz ensino significativo nos espaços formais e informais de aprendizagem.

Dessa forma, o problema a ser investigado foi delineado a partir do seguinte questionamento: tendo em vista a atual conjuntura que nos remete a um mundo cada vez mais indiferente para com as práticas comunicativas e de interação afetiva entre os seres humanos, é possível trazer para o bojo da *práxis* educativa contemporânea e internacionalizadora ações de resistência liberadora mediada pelos princípios dialógicos da pedagogia freireana?

Com vistas a obter respostas às nossas inquietações, nos conduzimos pela abordagem qualitativa, através do procedimento metodológico da pesquisa bibliográfica, haja vista que corroboramos da afirmativa de que a pesquisa qualitativa “pode trazer recursos para tornar a pesquisa em educação mais efetiva, mais próxima, tanto dos seus mais urgentes problemas, quanto da maneira de senti-los e percebê-los, própria dos professores engajados na prática das escolas” (Lüdke, 2009, p. 17).

É fato que o método qualitativo envolve a empiria e uma sistematização progressiva do conhecimento até que a compreensão da lógica interna do grupo seja desvelada, e desse modo a pesquisa qualitativa “recobre hoje um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo” (Chizzotti, 2006, p. 221).

Tendo em vista a necessidade de alcançarmos os objetivos propostos, fortalecemos os caminhos metodológicos mediante a integração da pesquisa bibliográfica com foco na revisão da literatura acerca dos pressupostos dialógicos freireanos.

Por esse viés, entendemos que a pesquisa bibliográfica enquanto modalidade de pesquisa de caráter qualitativo, é comumente apresentada como uma revisão da literatura, através de uma investigação científica das obras já publicadas do sujeito investigado, afinal ela é “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44), logo, podemos afirmar que ela consiste em um conjunto de informações e dados contidos em documentos impressos, artigos, dissertações, livros publicados.

Outrossim, o método indiciário de Ginzburg foi o escolhido para estruturar e direcionar esta investigação, uma vez que por meio dele foi possível “atentar em indícios, às vezes imperceptíveis, em sintomas, em signos pictóricos, em pormenores, em dados marginais e em pistas” (Ginzburg, 1989, p. 143), cujas características citadas nos fizeram buscar tecer e alinhar informações esmiuçadas dos mais diversificados subsídios da literatura existente acerca da temática investigada presentes em livros, artigos em revistas científicas e pesquisas acadêmicas que dialogam com o estudo proposto.

Para este fim, é conivente destacar que o referencial teórico-metodológico dessa pesquisa se apoia, enquanto fontes primárias, nos estudos do Ana Freire (2021), Moacir Gadotti (2002) e, Ira Shor (1986), os quais conviveram e se dedicaram a propagar de forma densa os preceitos estabelecidos pela pedagogia de Freire.

No que diz respeito às fontes secundárias, utilizamos como referencial bibliográfico os estudos em Jürgen Habermas (1998) e Pedro Pagni e José Silva (2007), somados a dois estudos publicados na *Revista Contexto & Educação* pelos estudiosos Hedi Luft; Daniela Mota; Camila Souza (2022) e Lindomar Boneti; Ana Lúcia Langner e Ana Asinelli-Luz (2022), autores que discutem as temáticas pesquisadas e voltadas ao educador e filósofo brasileiro estudado.

Como dinâmica para exposição deste artigo, o organizamos em cinco partes de acordo com a seguinte ordem: esta parte introdutória, com a apresentação do objeto da investigação, as questões e objetivos do estudo e as justificativas que moveram a produção deste trabalho; três seções, assim estruturadas:

- Na primeira seção, intitulada *Dialogus in Freire: Aspectos introdutórios*, concentramo-nos na recuperação da trajetória histórica de alguns conceitos importantes acerca do diálogo com vistas à compreensão de forma holística para com os pressupostos dialógicos instituídos pela pedagogia freireana;

- Na segunda seção, denominada *A Dialogicidade Freireana na práxis educativa*, buscamos refletir a importância do diálogo como prática da liberdade e da promoção reflexão, da autonomia e da criticidade nos ambientes de aprendizagens.

- Na terceira seção, nomeada *O pensamento dialógico freireano à luz da internacionalização contemporânea!*, buscamos refletir acerca da dialogicidade freireana enquanto processo para a humanização, valorização das diferenças e a resolução de problemas na esfera internacional no âmbito da atualidade. Na última parte, submetemos as reflexões acerca das considerações finais deste estudo.

DIALOGUS IN FREIRE: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

A palavra diálogo, conforme dita os dicionários etimológicos, provém do latim ‘*dialogus*’, que prediz na concretização da ação humana através da conversa e/ou entendimento mútuo ou recíproco entre as pessoas, na troca de ideias e/ou pontos de vistas das mesmas.

Nesse ponto, atentamos que desde os primórdios da Pedagogia o temário em torno dos preceitos e pressupostos em torno da importância da dialogicidade tem sido objeto de estudo através dos tempos. É só lembrarmos que o filósofo Sócrates já afirmava na Grécia antiga que o diálogo conduzia o indivíduo ao autoconhecimento, afirmação ratificada por Aristóteles que asseverava que “a dialética é um modo de conhecer e conciliar os sentimentos com a razão” (Pagni, 2007, p. 79), e desse modo, já sinalizava para uma *práxis* enquanto elemento norteador para as práticas discursivas nos espaços de aprendizagens.

Não obstante, o filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas, salienta que “a sociedade e o indivíduo se constituem reciprocamente por meio do agir comunicativo” (Habermas, 1998, p. 187), enquanto elemento essencial para a interação social mediada por posturas de resistências para uma eficaz conduta libertária, o que nos faz compreender que “o diálogo *freireano* recupera e recria na sociedade atual o melhor das contribuições clássicas gregas, indus e de outras culturas” (Freire, 2021, p. 65), incluindo nestas concepções o Apolíneo e o Dionísio⁵, como forma de destacar nas práticas dialógicas a beleza do bom enquanto essência humana.

De acordo com as evidências apresentadas, podemos constatar que “a dialogicidade é uma exigência da natureza humana” (Freire, 2001, p. 54), uma vez que sem ela não há comunicação e, como tal, deve ser entendida como algo que faz parte da própria natureza dos seres humanos.

Em apoio a essa argumentação, salientamos, antes de tudo, que se partirmos dos pressupostos de que a internacionalização do sistema educacional perpassa por um “processo que integra uma dimensão global, intercultural e internacional nos objetivos, funções e oferta

⁵ Torna-se interessante registrar que os conceitos de Apolíneo e o Dionísio são baseados na mitologia grega e empregados para denominar fatores racionais ou emocionais: enquanto Apolo é visto como o deus da razão, do limite, da ordem, da tolerância, da clareza e da beleza, no contraponto, Dionísio é o deus da vontade irracional, do ilimitado, da desmedida, do vinho, do teatro, da desordem, da alegria, da fantasia e da aventura. Para o filósofo Friedrich Nietzsche (1992), o apolíneo e o dionisíaco, correspondem, dicotomicamente, às dimensões complementares da realidade social e são intrínsecos a índole e essência humana.

da educação” (Knight, 2004, p. 11) e, encontraremos no filósofo brasileiro o alinhamento dessa internacionalização educacional voltado ao “dialogismo” enquanto ação mediadora e transformadora da consciência de *nós* e do mundo.

Para constar, é sabido que Paulo Freire intensificou a temática do diálogo como fator de reconstrução para uma eficiente e concreta consciência humanitária para com o próximo, na certeza de que “o diálogo se dá entre iguais e diferentes, nunca entre antagônicos” (Freire; Gadotti; Guimaraes, 1995, p. 28), ou seja, ele atenta minuciosamente para a reflexão que fortalece o entendimento sistematizado dos preceitos da dialogicidade e nos faz refletir acerca desta necessidade como uma eficaz prática de resistência libertadora.

Nesse sentido, com uma pedagogia calcada no favorecimento da libertação dos povos oprimidos, o educador popular soube orquestrar com maestria a proposição de uma prática de resistência humanizadora mediada pelo diálogo, uma vez que para este educador,

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (Freire, 2015, p. 42).

Em conformidade com a discussão empreendida, essa perspectiva teórica nos faz compreender que “Paulo Freire é um dialético” (Gadotti, 2002, p. 21), o que é evidenciado e constatado pela defesa de suas convicções que o diálogo possui um importante e fundamental papel na conscientização das relações para com o próximo, afinal, é no diálogo que a compreensão, conscientização, humanização e transformação dos indivíduos se concretizam, pois homens e mulheres tendem a se conscientizarem quando há uma dialética unida entre o homem e o mundo.

Em termos práticos, torna-se preciso e necessário pensar que a luta pela transformação do mundo que tanto nos desumaniza, esteja calcada na educação libertadora como forma de voltar-se para a afirmação de seres humanos capazes de transformar ideias em ações, ou seja, precisamos possibilitar a reescritura do mundo, para só assim, conseguirmos dar um passo para o processo de mudança libertadora da qual tanto almejamos, através de uma ação real, denunciadora, captada e expressada por meio da dialética que é capaz de sobretudo transformar a sociedade em que vivemos.

É nesse contingente que a dialogicidade crítica inserida nas *práxis* como processo de resistência e esclarecimento da realidade é transformadora. Eis o porquê da pedagogia

freiriana ainda representar uma alternativa teoricamente renovada e politicamente viável, tanto na esfera nacional como internacional: o premiado e notório professor em estudo representa o símbolo da realidade, imperando a síntese da possibilidade de mudança global através da prática educativa a qual traz em seu bojo a tarefa de participar do trabalho de criação das pessoas para serem agentes críticos e criativos de seu próprio mundo social, sujeitos de sua vida e atores de sua história.

Por tudo isso, Paulo Freire não se desviou. Esteve sempre conectado no mundo e denunciou, junto com o povo, o centralismo como uma atitude amarga, o império da globalização neoliberal como uma ideologia de pensamento único e o sectarismo, como forma de falsificação da realidade, atentando veementemente que “o homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado” (Freire, 2003, p. 80), sendo preciso resistir mediante a arma da dialética para dirimir situações tais quais as reportadas.

Interessante ressaltar que este teórico e estudioso da Educação soube enveredar com sua dialética por outras veredas, indo muito mais além: denunciando também a perversidade do capitalismo, controlado pelo poder hegemônico da cultura da qual nos tira o direito da palavra e impõe a lei do silêncio e, à vista disso nos ensinou que “o diálogo deve ser visto como o encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir” (Freire, 2003, p. 63), denunciando uma sociedade dramaticamente em trânsito da rigidez estática, da impermeabilidade e do autoritarismo, que produz uma cultura alienada, enganadora, falsa, antiarbitrária, não resultante da vida cotidiana e da experiência histórica dos subalternos, dos oprimidos e dos excluídos.

É importante salientar que o pedagogo supracitado atentou também para as questões de foro político, lembrando-nos que não existe seres *a-políticos* e assim soube “combinar temas cristãos e marxistas na sua pedagogia dialético-dialógica” (Gadotti, 2002, p. 87), pois, conforme seus postulados a política é uma constante, sendo capaz de desempenhar seu papel quando sistematizada por pessoas comprometidas com seu povo.

Essa abordagem teórica oferece *insights* acerca da desconexão da Educação brasileira que é verbalista e acrítica, cabendo-nos refletir que só através de uma natureza política-educacional voltada para o povo e, baseada em uma atitude democrática, permeável e plástica, infiltrada em um mundo que forme e transforme a mente humana é que

poderemos nos libertar da opressão, exploração e exclusão social, superando a desumanização e alcançando a liberdade ética e autônoma.

Essa linha de pensamento dialógico o fez atentar para a diversidade humana, afirmando que é através dela que a cultura está inserida em todas as esferas da sociedade, sendo assim, ela seria a parte fundadora da política social. Logo, seríamos seres humanos no mundo e com o mundo, capazes de pensar certo e na hora certa, diminuindo a distância entre o que dizemos e o que fazemos, e para que isso acontecesse, seria preciso sermos esperançosos, pois a esperança é um imperativo existencial e histórico, sem ela a própria história se torna inviável e infundada.

É preciso sonho, utopia e um projeto que traceje a qualidade de *ser* do *ser* humano calcado pelo espírito da solidariedade e humildade, uma vez que,

A autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito para caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que em comunhão, buscam saber mais (Freire, 2003, p. 71).

Por tudo isso, o que se apresenta como fundamental na relação do ser humano é a qualidade do diálogo. Um diálogo capaz de promover posturas rebeldes em posturas revolucionárias como forma de progredir e resistir radicalmente na transformação do mundo, rejeitando qualquer forma de desumanização e autoritarismo.

Para que estas situações se concretizem, Freire orienta o mundo, mediante seus escritos pedagógicos, atentando veementemente que é preciso, primordialmente, lutarmos por uma dialética no âmbito educacional de forma conjunta, coletiva, participativa, transformadora e libertária, tendo o diálogo como parte da resistência existencial dos educandos e educadores, assunto este que será discutido com mais profundidade na seção que se segue.

A DIALOGICIDADE FREIREANA NA *PRÁXIS* EDUCATIVA

Um conceito-chave evidenciado por este estudo, empreendido pelo pedagogo investigado e empregado veementemente nos espaços educativos é de que “o diálogo é parte integrante da ação que visa libertar o homem” (Freire, 2023, p. 28), e desse modo podemos

constatar que esse homem se torna um ser da *práxis* educativa em que ação e reflexão tende a transformar e reinventar os espaços de aprendizagem.

Nesse ponto, Freire utilizou-se do diálogo como sua norma de vida. Eis seu primeiro ensinamento: alicerçar a necessidade da unidade dialética da teoria junto com a prática na construção de uma proposta democrática pedagógica, onde sem ela, a prática e resistência autêntica, revolucionária e libertadora se tornaria imprecisa, infundada e sem embasamento, afinal:

O diálogo é a confirmação conjunta do professor e dos alunos no ato comum de conhecer e reconhecer o objeto de estudo. Então, em vez de transferir o conhecimento estaticamente, como se fosse uma posse fixa do professor, o diálogo requer uma aproximação dinâmica na direção do objeto (Shor, 2021, p. 58).

Em virtude do exposto é preciso, portanto, compreender que a ação dialética no âmbito escolar deve ser o princípio da matriz democrática na qual os ambientes escolares devem seguir e lutar para que a violência do antidiálogo não venha impor ao homem mutismo e passividade. Dito isso, o ser humano deve combater os atos impositivos e impetuosos e/ou doutrinários, buscando aceitar o exercício da afirmação da resistência à liberdade humana através da partilha de um mundo novo sem opressão ou indignação.

Por este ínterim, os escritos e pressupostos pedagógicos deste teórico educacional já alertava que a ação educativa deve ser democrática e participativa, sinalizando veementemente de que “o diálogo e a análise sobre a prática a respeito da vida cotidiana nos propiciam a exposição plena da Boniteza, já que são complementos indispensáveis” (Freire, 2021 p. 77), ou seja: é preciso dirimir o distanciamento entre o discurso e a prática da dialética nos espaços de aprendizagens.

Estes fatores nos levam a entender que cabe a Educação o dever de pôr a própria prática da liberdade em vigor, centralizada em uma consciência clara de que a construção de uma sociedade deve ser baseada na justiça social e levantada a partir do papel educativo, sempre norteado pelos princípios da humanização, da democracia e da criatividade. É aqui que o processo educacional toma a sua posição como um agente de transformação: Paulo Freire, afirmava que estudar é uma forma de reinventar, de criar e de reescrever. Ela é a prática viva da realidade a qual dá ao povo instrumentos para optar e agir.

Por meio de suas teorias no âmbito da dialogicidade, é possível pensar que a escola pensada e difundida pelos princípios freireanos só será possível se persistir a luta por uma

sociedade justa, solidária, digna e feliz sendo substancialmente democrática, inserida na realidade, conectados em uma pedagogia utópica a serviço da libertação dos oprimidos, que não se faz e refaz na prática social, mas que se implica na dialetização da denúncia e do anúncio acarretado no desmembramento da sociedade já dicotomicamente dividida entre o povo e a elite; os patrões e os empregados; os ricos e os pobres; os civilizados e os selvagens; os eruditos e os iletrados e os dominantes e os dominados.

Nessa mesma direção, depreendemos que o estudioso e notório professor brasileiro lutou constantemente contra essas dicotomias mediante o entendimento de que as práticas dialógicas deveriam propagar ensinamentos que levassem os educadores, educandos, comunidade e familiares a repensarem o seu currículo escolar cotidiano, na certeza de que:

O diálogo freireano nas aulas, nas ruas e na família permite recuperar a união entre ambas as dimensões e recriar, assim, a ilusão nas transformações de nossa vida e da vida das demais pessoas, incluindo as instituições que as condicionam e, às vezes, as determinam (Freire, 2021, p. 65).

Primando por sua tenacidade na área educacional, o educador pernambucano concebeu seu próprio método de ensino fundamentado em ‘palavras geradoras’ que consistia inicialmente pelo levantamento do universo vocabular dos alunos, onde o pensamento e a linguagem se dariam a partir da sua realidade concreta e, desta forma, tenderiam a promover a conscientização acerca dos problemas cotidianos, a compreensão do mundo e o conhecimento da realidade social, estimulando a capacidade crítica do estudante e contribuindo significativamente para ajudar os não-lettrados a terem uma vida mais digna, concreta, participativa e feliz.

Sob este ponto de vista não se pode negar que o educador dos oprimidos sempre esteve ciente de que deveríamos reverter o quadro de analfabetos brasileiros, e para este fim, acreditava que as ações dialéticas eram essenciais para a mudança desta situação nos ensinando que,

Para pôr o diálogo em prática, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber, deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem perdido, fora da realidade, mas alguém que tem toda uma experiência de vida e por isso também é portador de um saber (Gadotti, 2002, p. 45).

Foi nesta conjuntura que Freire mereceu mérito ao abrir os nossos olhos para o combate contra a denominada educação bancária, assim por ele caracterizada:

O educador é o que educa, os educando os que são educados; o educador é o que sabe, os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa, os educandos os pensados; o educador é o que diz a palavra, os educandos os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina, os educando os disciplinados; o educador é o que opta e prescreve sua opção, os educandos que seguem a prescrição; o educador é o que atua, os educando os que têm a ilusão de que atuam na atuação do educador; o educador escolhe o conteúdo programático, os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele; o educador identifica a autoridade do saber com a sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos. Estes devem adaptar-se às determinações daquele; o educador, finalmente, é o sujeito do processo, os educandos meros objetos (Freire, 2003, p. 72-73).

Apesar desse entendimento nos fornecer um arcabouço educacional voltado para o tradicionalismo frágil, engessado e mecanizado, contrapondo-se a esse tipo de interpretação da realidade que impera nos espaços de aprendizagem de todo o mundo, os autores Boneti, Langner e Asinelli-Luz (2022), proliferam reflexões exaltando e defendendo uma didática calcada na dialética freireana como proposta pedagógica benéfica e universal, afinal, sob esse ponto de vista, não se pode negar que:

Paulo Freire salienta a necessidade do diálogo na escola na perspectiva de superar a prática da educação bancária. Isto porque o ensinar a pensar toma uma outra dimensão; constitui-se no ensinar dialógico, deixando de se constituir a ação educativa como uma ação que se dá entre a pessoa sujeito do conhecimento e a pessoa objeto do aprender. Certamente que esta nova percepção do conhecimento e da prática escolar iria dirimir a incerteza dessa prática e do próprio papel da professora ou do professor. Esta nova prática resgataria a autonomia na prática escolar tanto em relação ao professor e à professora quanto à própria expressão das individualidades das alunas e dos alunos. Assim, nasceria um novo conhecimento (p. 11).

Nesse ponto, o teórico educacional em estudo nos presentearia com uma educação libertadora, segura, expressa com estratégias de elegância e flexibilidade que fora eficazmente testada e aprovada nos bancos escolares a exemplo das cidades de Angicos/RN e São Paulo/SP, bem como, no país insular africano de São Tomé e Príncipe e, por todos os lugares que ele percorreu. Eis o tripé de sua pedagogia: uma utopia por um mundo mais justo, ambientada na certeza de acreditar sempre no potencial dos seres humanos e calcada

em uma educação libertadora, capaz de formar e transformar os seres humanos em pessoas pensantes, participativas e amorosas na busca pelo mundo ideal, pois,

O diálogo não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens. Designar o mundo, que é o ato de criação e de recriação, não é possível sem estar impregnado de amor. O amor é ao mesmo tempo o fundamento do diálogo e o próprio diálogo (Freire, 1980, p. 83).

É importante frisar que o renomado escritor, filósofo e pedagogo, apesar da profundidade de sua história, nunca se desviou de seu papel de educador, um educador diferente, “conectivo”, dialético e amoroso, aliás, para ele sem o amor não seríamos capazes de modelar uma base firme e instrutiva que possibilitasse a interferência nas estruturas sociais vigentes, comprometidas por um projeto educacional mais abrangente e profundo, cuja perspectiva freireana adota-se uma proposta curricular calcada em um ambiente escolar:

Baseado no diálogo, em atos comunicativos dialógicos que superem a violência, o machismo, o racismo e o classismo, fundamentados na igualdade, na liberdade e nos valores éticos, é não só uma escola boa, mas também uma escola bela (Freire, 2021 p. 62).

Essa perspectiva teórica lança luz para uma Educação que se diga verdadeiramente dialógica e carregada de alegria em que se possa exigir: aceitação do novo, apreensão da realidade, autonomia dos educandos, bom senso, competência profissional, consciência do inacabado, criticidade, curiosidade, esperança, estética, ética, exemplo, generosidade, humildade, liberdade, luta em defesa dos direitos dos educadores, pesquisa, querer bem aos educandos, rejeição a qualquer forma de discriminação, respeito aos saberes dos educandos, rigorosidade metodológica, riscos, saber escutar, segurança, ter disponibilidade para o diálogo, tolerância, tomada consciente de decisões e compreensão que o diálogo autêntico é o fundamento do processo de aprendizagem e de construção do conhecimento em toda esfera nacional e internacional, preceitos estes que discutiremos na próxima seção.

O PENSAMENTO DIALÓGICO FREIREANO À LUZ DA INTERNACIONALIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Os pressupostos pedagógicos no âmbito da dialogicidade freireana dialoga e evidencia cada vez mais sua importância na construção de sentidos e significados à humanidade, afinal, seu sentido etimológico nos remete a reflexão e pensamento ‘através da

razão⁶. Mais do que uma opção, o uso do ‘diálogo’ entre os povos torna-se uma responsabilidade a ser integrada e adaptada aos saberes pedagógicos em simbiose aos currículos em todo o mundo.

Em apoio a essa argumentação, registramos que em um mundo globalizado tal qual o nosso, regrado a inúmeras e constantes transições, de comunicação rápida, volume exagerado de informações e velocidade impressionante das mudanças, o pensamento dialógico do educador em estudo, tem resistido e contribuído para o favorecimento das relações inter e intrapessoais, alinhados a um fazer crítico, criativo, reflexivo, íntegro e autônomo.

Para atender às exigências dessa sociedade contemporânea, torna-se preciso compreender que é através do diálogo que se dá “o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo para pronunciá-lo” (Freire, 2002, p. 93), ou seja, é por meio do diálogo entre os homens que se faz possível a superação da situação concreta de opressão, de coisificação dos homens.

Podemos perceber que em toda esfera internacional “o diálogo como encontro dos homens para a ‘pronúncia’ do mundo, é uma condição fundamental para a sua real humanização” (Freire, 2003, p. 134), e desse modo, através dele é possível resistir e nos contrapor à opressão, à dominação, à injustiça e à manipulação, viabilizando a busca pela harmonia, afeto e esperança, não só entre os professores e estudantes, como também em todos os grupos e gêneros sociais espalhados por todo o mundo.

Neste ínterim, o educador popular atenta para a necessidade de se valorizar os saberes escolarizados e os não escolarizados, uma vez que todos já veem com um conhecimento de mundo já formulado, e assim, tendenciam a contribuir energeticamente para romper com os estereótipos de superioridade e antidialogicidade, superando-as a partir de uma relação humana, dialógica e democrática, uma vez que:

A construção de relações dialógicas sob os fundamentos da ética universal dos seres humanos, enquanto prática específica humana implica a conscientização dos seres humanos, para que possam de fato inserir-se no processo histórico como sujeitos fazedores de sua própria história (Freire, 2008, p.10).

⁶ Etimologicamente o prefixo da palavra ‘diálogo’: *dia* quer dizer através, atravessar, e o sufixo *logo* quer dizer razão, significado.

É neste aspecto que o reconhecido educador supracitado atenta para que possamos combater as ações de natureza antidialógica, antiopressora e antidominadora, vistas como ações extremamente desumanas, cabendo ao processo dialógico superar as relações de opressor-oprimido como forma de transformação do mundo contemporâneo, afinal: “só torna viável o homem novo pela superação da contradição entre opressor-oprimido, que significa a libertação de todos” (Freire, 2008, p. 19), capaz, inclusive, de regenerar as injustiças sociais, atrelando-as a um diálogo que prime na busca incessante por atitudes saudáveis em que se pese a busca por uma real democratização, humanização e esperança, afinal:

A educação favorece atitudes de vida mais saudáveis nos aspectos de convivência humana. É pelo diálogo que se constroem estratégias de uma pedagogia humanizadora, que confere dignidade aos sujeitos, o que favorece a construção de princípios que desencadeiam outras compreensões sobre a realidade. (Luft; Mota; Silva, 2022, p. 21).

Para o notório professor em estudo, o ser humano dialógico deve refazer-se e tornar-se ético para uma verdadeira dialogicidade onde os sonhos, as utopias e os interesses comuns possam conjugar-se na efetivação de uma coletividade justa e igualitária, calcada em um diálogo que prime constantemente na busca pela esperança como forma de união humana e na fé nos homens.

Não obstante, é imprescindível e percebível demarcar que a fé nos homens é um dado *a priori* do diálogo, pois “não há também, diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direitos dos homens” (Freire, 2002, p. 42).

Nesta perspectiva, é possível asseverar que Freire nos ensina que sem a fé nos homens, o diálogo é uma farsa, e esta farsa só está devidamente subtraída, se o ser humano for capaz de fundar-se no amor, na humildade e na própria fé nos/dos homens, encontrando assim, a boniteza que há nela como viabilidade da verdadeira prática dialógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática central deste texto levou a uma discussão em torno da compreensão sobre as mais diferentes questões que envolve o diálogo a partir do pensamento freireano como propositura de internacionalização de ações educativas que sejam livres, humanistas e solidárias e libertárias nos espaços de ensino e aprendizagem na contemporaneidade.

Ressalvadas as particularidades do objeto de estudo à luz dos pressupostos pedagógicos do educador Paulo Freire, pôde-se observar que a temática proposta nos fez compreender de que a utilização da dialogicidade nas práticas sociais, com especial atenção aos espaços de aprendizagem, ajuda a dirimir a reprodução das práticas opressoras apregoando-se a importância da proliferação de práticas humanizadas e libertadoras, sendo preciso “cultivar a dialogicidade como proposta de superação das práticas que reproduzem a opressão por uma nova cultura essencialmente humanizadora” (Zitkoski, 2007, p. 234).

É imprescindível ressaltar que esta análise reflexiva só foi possível graças a revisitação realizada em torno das obras do educador e atual Patrono da Educação Brasileira as quais são constituídas por pilares enviesados por saberes significativos, transformadores, humanizados, autônomos e emancipatórios.

Esse panorama mostra que o diálogo freireano culmina numa aprendizagem em que seja possibilitada a troca de saberes, a confiança entre os seres, a humildade entre as pessoas e principalmente na construção e reconstrução do conhecimento para com a ação comunicativa exercida entre o EU e o(s) outro(s).

Para o filósofo da Educação nacional, nos ambientes formais e informais de aprendizagem é preciso dialogar sobre a própria vida, transformando esses ambientes em um clima libertário, em que seja possível imperar o respeito à história de vida dos alunos e seus saberes enquanto condição indispensável para a relação de ensino-aprendizagem.

O estudo reforçou que seus pressupostos pedagógicos nos levam a uma conscientização mais eficaz e humana nos âmbitos sociais, culturais, sociais e educacionais, bem como, demonstrou ser necessário reconhecer que somos seres inacabados e incompletos e, desse modo, precisamos lutar por uma sociedade menos perversa, menos discriminatória, menos racista e menos machista com vistas a atender as necessidades dos menos favorecidos, sendo essa a essência primordial da dialética freireana mediada sempre pelo entendimento de que “o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (Freire, 2003, p. 93).

Outrossim, atentamos que os dados analisados estão longe de contemplar todas as necessidades que a discussão sobre a pedagogia freireana no âmbito dos preceitos da dialogicidade requerem, tornando-se preciso a continuidade desse estudo por outros estudiosos, o qual será de fundamental importância trazer novos apontamentos que enriqueça a produção científica com esta temática.

Deve-se evidenciar que, ainda em vida, Paulo Freire foi um dos professores mais evidentes nas instituições as quais ministrou aulas, a exemplo da Universidade de Harvard, Universidade de Genebra, Universidade Estadual de Campinas e, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Além disso, lhe foi outorgado o título de *Doutor Honoris Causa* em quarenta e uma universidades em todo mundo, além do Prêmio Educação para a Paz recebido em 1986 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e Cultura (Unesco).

Há de se considerar que foram através desses notórios reconhecimentos em escalas nacionais e internacionais que os postulados do escritor e pedagogo pernambucano são perpetuados: o processo de ensino e aprendizagem para que ocorra com primazia em todo o mundo é preciso ser mediado pelos saberes da escuta em simbiose com diálogo, os quais, precisam serem vistos, pensados e analisados como condição intrínseca à espécie humana, contribuindo significativamente para a prática de resistências e conscientização de ações solidárias com vistas à vivência da fraternidade, empatia e respeito ao outro à luz da internacionalização educativa e libertadora.

Por fim, concluímos que o teórico educacional mais influente da história brasileira retrata também um olhar sobre nós mesmos como educadores, ensinando-nos a ansiar por um mundo mais diferente, mais bonito. Um educador que nos ensina que a educação deve ser decisiva para (trans)formação da consciência dos seres humanos e que embalam nos braços a esperança de uma escola, nacional e/ou internacional, que se diga verdadeiramente inclusiva, igualitária e responsável.

REFERÊNCIAS

BONETI, Lindomar Wessler; LANGNER, Ana Lúcia; ASINELLI-LUZ, Ana. O Ensinar fazer ou o Ensinar Pensar para a Construção da Autonomia: Um Diálogo entre Paulo Freire e Edgar Morin. *Revista Contexto & Educação*, Ijuí/RS, v. 37, n. 118, p. 1 - 16, 2022.

BOUFLEUER, José Pedro. *Pedagogia latino-americana: Freire e Dussel*. Ijuí: UNIJUÍ, 1991.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Ana Maria Araújo. *Boniteza: a palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire*. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. *Conscientização, teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo; GADOTTI, Moacir; GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia: diálogo e conflito*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GADOTTI, Moacir. Aprender, ensinar: Um olhar sobre Paulo Freire. *AbcEducatio*. v.3, n. 14, p. 16-22, 2002.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HABERMAS, Jürgen. A reply. In: HONNETH, Axel; JOAS, Hans (Eds.). *Communicative action: essays on Jürgen Habermas's the theory of communicative action*. Trans. J. Gaines and D.L. Jones. Cambridge, Mass.: MIT PRESS, 1991. [Reprinted in *On the pragmatics of communicative*] (ed. by Maeve Cooke), Cambridge, Mass.: MIT PRESS, 1998.

KNIGHT, Jane. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales *Journal of Studies in International Education*. **Sage Publications**, v.8, n.1, spring 2004, p. 5-32.

LÜDKE, Menga (Coord.) *O que conta como pesquisa*. São Paulo: Cortez, 2009.

LUFT, Hedi Maria; MOTA, Daniela da Silva; SILVA, Camila Souza da. Paulo Freire e o Diálogo: Interfaces entre a saúde pública e a educação escolar. *Revista Contexto & Educação*, Ijuí/RS, v. 37, n. 117, p. 9 - 23, 2022.

MANFREDI, Silvia Maria. Cruzando fronteiras: as obras e o legado de Freire na Itália. Dossiê 100 anos de Paulo Freire: entre o internacional e o regional, o urbano e o rural. *Comunicação & Educação*, v. 26, n. 2, p. 195-209, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo*. Trad. Jacob Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PAGNI, Pedro; SILVA, José. (orgs.). *Introdução à Filosofia da Educação: temas contemporâneos e história*. São Paulo: Avercamp, 2007.

SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

ZITKOSKI, Jaime José. *A pedagogia freireana e suas bases filosóficas*. In: SILVEIRA, Fabiane Tejada da; GHIGGI, Gomercindo; PITANO, Sandro de Castro (org.). *Leituras de Paulo Freire: contribuições para o debate pedagógico contemporâneo*. Pelotas: Seiva Publicações, 2007. p. 229-248.

Autor correspondente:

Oberdan da Silva de Andrade

Universidade Tiradentes – UNIT

Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação

Av. Murilo Dantas, 300 - Farolândia, Aracaju/SE, Brasil. CEP 49032-490

oberdandrade@gmail.com

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons.

